

Jovens e movimentos sociais no Brasil: interrogando significados das manifestações de junho de 2013

Resumo

O trabalho é parte de um projeto de pesquisa em desenvolvimento e tem como objetivo discutir a participação da juventude nos movimentos sociais que marcam a história recente do Brasil. Exponho um breve exercício de revisão histórica, com destaque aos acontecimentos que tiveram jovens como protagonistas centrais: a Marcha dos Cem Mil (1968), o Movimento das Diretas Já (1983 -1984), o Movimento dos Caras-pintadas (1992) e o Movimento Passe-Livre. Esse último, por sua atualidade e por ser apontado como origem da onda de manifestações pelo país no ano de 2013 – cujo ápice foi em junho -, é discutido com mais atenção. A análise preliminar das manifestações subsidia-se de autores dos Estudos Culturais em Educação. Mídias, especialmente a internet, são utilizadas como fontes privilegiadas de dados, em vista do acontecimento investigado ser muito recente. As manifestações de junho de 2013 sugerem diferenças marcantes em comparação às mobilizações anteriores de jovens, oferecendo alguns indícios de novas e possíveis formas de vivenciar e interpretar este tipo de protestos no mundo pós-moderno.

Palavras-chave: juventude; movimentos sociais; manifestações de junho de 2013; direito à cidade.

Liége Freitas Barbosa

Universidade Luterana do Brasil - ULBRA
liegebarbosa.ead@gmail.com

Introdução

Falar sobre os jovens ou tentar defini-los é desafiador. A juventude, uma suposta fase de transição entre a infância e a vida adulta, vem assinalada por complexidades. Para os Estudos Culturais em Educação, o conceito de juventude é elástico e ultrapassa marcações etárias ou critérios biológicos, incorporando outras dimensões. A juventude é entendida como uma construção sociocultural que tem a ver com as experiências vivenciadas pelos sujeitos e como estas são significadas e narradas em cada contexto histórico-social. Nesse sentido, as pesquisas em Educação alinhadas aos Estudos Culturais apresentam diferentes abordagens para conceituar juventude e mostram os múltiplos modos de ser/estar/sentir-se jovem na contemporaneidade. Para Maria Rita Kehl (2007), “a juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir” (p. 89-90). Fatores como o aumento do período de formação escolar, a competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e a escassez de empregos forçam o jovem adulto a permanecer cada vez mais na condição de adolescente, ou seja, em situação de dependência familiar e de fora das decisões relativas à vida pública, impossibilitado de decidir o seu próprio caminho. Tal contexto propiciou o surgimento de uma nova fatia do mercado. A chamada “cultura jovem” passou então a ser celebrada como consumidora em potencial, especialmente a partir da década de 50 nos Estados Unidos, e foi rapidamente difundida no mundo capitalista (p. 91- 92). Ser jovem entrou na moda, tornou-se referência de beleza, sensualidade e liberdade, transformou-se em um modelo de vida a ser seguido como o ideal, como sendo a melhor época da vida.

Indo um pouco além, ao pensar sobre movimentos sociopolíticos marcados pela participação juvenil, questiono qual seria a associação entre a vitalidade dos jovens e a política. Para Renato Janine Ribeiro (2007), os jovens fazem parte da revolta, da indignação moral e ética. Eles funcionam como uma fonte de energia e dão sangue novo à política (p. 30). No caso do Brasil, o senso comum diz que o povo brasileiro não gosta de se envolver com causas públicas ou políticas, que os cidadãos são pacatos e cordiais.

Para o historiador Voltaire Schilling¹, essa voz corrente considera os brasileiros em geral alienados e desinteressados das coisas públicas, “um povo cordato, manso, que aceita com resignação quaisquer medidas dos governos e os malfeitos dos poderosos” (SCHILLING, 2013)². Porém, segundo ele, não é o que a história recente indica. E no exercício de buscar entender o protagonismo jovem nas mobilizações consideradas mais significativas na história do Brasil, é necessário pontuar brevemente alguns episódios importantes.

Movimentos de juventude no Brasil

A Marcha dos Cem Mil (1968)

Em 26 de junho de 1968, durante o governo do presidente Costa e Silva, cerca de cem mil pessoas partiram da Cinelândia, no Rio de Janeiro, munidas de cartazes e palavras de ordem para protestar contra a ditadura militar. Nesse mesmo dia, intelectuais e personalidades do mundo artístico e cultural também participaram do protesto pelo fim da censura e em solidariedade à resistência dos jovens. A manifestação foi realizada pelos estudantes liderados por Vladimir Palmeira, da União Metropolitana de Estudantes (UME), que depois foi preso, mais tarde conseguindo exilar-se no exterior. Ou seja, o movimento de 1968 tinha um líder. Segundo o professor de História da USP, Marcos Napolitano, a passeata liderada pelos movimentos estudantis foi uma reação dos cariocas à intensa repressão policial contra os estudantes ocorrida na chamada “Semana Sangrenta”, de 19 a 21 de junho no Rio de Janeiro (GAZETA DO POVO, 2013)³.

Outro episódio de repressão que marcou o ano de 1968 aconteceu no final do mês de março, com a morte do estudante Édson Luís, assassinado com um tiro por um oficial da Polícia Militar. Segundo Singer (2001), este fato causou grande comoção e revolta, impulsionando os levantes estudantis país afora. E as manifestações também se

¹ Intelectual conceituado, Voltaire Schilling, em julho de 2013, no 8º Festival de Inverno de Porto Alegre, ministrou o curso “Brasil rebelde: revolução e rebelião”, sobre as manifestações de junho.

² Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/infograficos/marchas-historicas/>

³ Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidapublica/conteudo.phtml?id=1384541>

estendiam contra a política educacional do governo, que entre outras medidas extinguiu, em 1964, a União Nacional dos Estudantes (UNE) e as Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs), o que colocou em posições cada vez mais antagônicas o movimento estudantil e o governo militar. Tais acontecimentos foram forjando a resistência dos jovens estudantes, que se mostraram protagonistas nas mobilizações de 1968 ao defenderem suas bandeiras e reagirem à repressão.

Movimento das “Diretas Já” (1983-1984)

O movimento das “Diretas Já” nasceu em apoio à Emenda Constitucional do deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT). Tinha o objetivo de devolver ao povo brasileiro o direito de eleger por voto direto o presidente da República, direito este que havia sido retirado pelo Regime Militar em 1965. A campanha teve como características sua duração (de junho de 1983 a abril de 1984) e extensão, abrangendo quase todo o país (SHILLING, 2013). E, diferente da “Marcha dos Cem Mil”, encabeçada por um jovem do movimento estudantil, a campanha pelas “Diretas Já” teve lideranças de políticos do PMDB (Ulisses Guimarães, Tancredo Neves e Teotônio Vilella) que estavam na vanguarda dos acontecimentos. No início de 1984, o movimento cresceu e ganhou as ruas de capitais e de cidades do interior, atingindo 22 estados da federação (SHILLING, 2013). Segundo o jornal *Último Segundo*⁴, no dia 10 de abril, no Rio de Janeiro, um milhão de pessoas estiveram na Igreja da Candelária protestando a favor da democracia, e no dia 16, em São Paulo, 1,7 milhões foram às ruas. O comício teve a presença de artistas, intelectuais, estudantes e políticos nesta que é considerada a maior concentração de massas da história do País.

Porém, apesar do apelo das ruas, a emenda foi rejeitada pela Câmara dos Deputados. Mesmo com um desfecho considerado frustrante, a campanha pelas “Diretas Já” enfraqueceu o regime militar e, em 1985, Tancredo Neves foi eleito indiretamente pelo Congresso como sucessor do então ditador, general João Batista Figueiredo,

⁴Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-01-25/infografico-saiba-o-que-foi-o-movimento-das-diretas-ja.html>

marcando institucionalmente o fim do Regime Militar (1964-85). Contudo, Tancredo Neves faleceu pouco antes da posse, desenganado pelos médicos após ser acometido de doença grave. Em seu lugar, assumiu como chefe do primeiro governo civil após o período militar, o vice de Tancredo, José Sarney - indiretamente eleito. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014)⁵.

E a exemplo das mobilizações de 1968, mais uma vez a juventude se fez presente nos comícios, passeatas e carreatas em prol das “Diretas Já”. Muitos jovens, articulados ao movimento estudantil através da UNE, voltaram às ruas para defender bandeiras históricas e a retomada da democracia no país. Após o fim do regime militar, em 1985, a entidade conseguiu voltar à legalidade.

Movimento dos Caras - pintadas (1992)

O movimento dos “Caras-pintadas” foi uma mobilização popular e estudantil contra Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente eleito diretamente pelo povo após o Regime Militar. Apesar de já ter tomado algumas medidas impopulares na área econômica, segundo Schilling (2013), o estopim que desencadeou a onda de protestos foi a acusação de corrupção contra o presidente feita pelo próprio irmão, Pedro Collor, em entrevista à revista *Veja*. Em reação à reportagem, no mesmo mês, as principais entidades civis do país e as centrais sindicais iniciaram o “Movimento pela Ética na Política”, que entre outras entidades incluía a UNE e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES).

No dia 1º de junho, o Congresso Nacional instaurou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar as acusações. Acuado pelas denúncias, o presidente fez um pronunciamento na TV, pedindo o apoio dos eleitores para que saíssem às ruas vestindo verde e amarelo, mas o que aconteceu foi exatamente o contrário. Além de vestirem a cor preta em forma de luto, milhares de jovens apareciam nas manifestações com os rostos pintados de verde e amarelo, o que fez com que o movimento ficasse conhecido

⁵ Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar/a-abertura.html>

como “Caras-pintadas”. Menos de duas semanas depois do pronunciamento público, e com a proximidade da votação do relatório final da CPI, uma série de manifestações pró-*impeachment* do presidente tomou conta do país. De acordo com Dias (2008), em 25 de agosto, mobilizações ocorreram em 31 cidades do Brasil, envolvendo mais de 500 mil pessoas. Somente na cidade de São Paulo, cerca de 200 mil jovens estiveram presentes em uma passeata em que a própria UNE esperava mobilizar cem mil pessoas. Ainda, conforme o autor, a participação, o entusiasmo e a mobilização dos estudantes nas ruas surpreendeu a todos. “A partir daí, o movimento começava a tomar um ar mais juvenil”, (DIAS, 2008, p. 9). O relatório da CPI foi aprovado, e com a proximidade da votação da abertura do processo de *impeachment*, milhares de jovens foram às ruas para pressionar o Congresso (SCHILLING, 2013). Dez dias depois, a Câmara dos Deputados votou a favor do *impeachment*. Antes mesmo de sua condenação, Collor renunciou em 29 de dezembro de 1992, tendo sido o primeiro presidente brasileiro da história da república a ser destituído por um movimento de massa.

A campanha “Fora Collor” ressaltou mais uma vez a importante participação dos atores juvenis nas ruas e representou uma espécie de ressurgimento do movimento estudantil. O “Caras-pintadas” foi encabeçado pela UNE e pela UBES, entidades que durante as décadas de 1980 e 1990 demonstravam sinais de declínio. Porém, de acordo com Barbosa (2008, p.54) “o ano de 1992 parece ter sido um importante exemplo da reaproximação efetiva dos jovens com a política através da participação no processo de *impeachment*”. Tal posição é compartilhada por Dias (2008), ao afirmar que a UNE, que até então vinha com uma atuação modesta no cenário político desde o final da década de 1970, “foi rapidamente alçada ao estrelato”. O jovem Lindbergh Farias, na época presidente da UNE e hoje senador pelo PT, se sobressaiu como um importante líder nas mobilizações. Em reunião com o então presidente do Senado, Mauro Benevides, Lindbergh confirmou o apoio do movimento estudantil ao processo de *impeachment*, transformando a UNE na maior organizadora dos protestos anti-Collor (DIAS, p. 11).

Para Barbosa (2008), o movimento estudantil que ressurgia apresentou características bastante diferentes daqueles das décadas passadas, nos quais os estudantes enfrentavam a violência e a repressão da ditadura militar. Na década de 1990,

ao contrário, os jovens tiveram seu protesto aceito nas ruas, mobilizaram outros segmentos e contaram com a proteção das forças policiais para a organização do trânsito nos eventos. “Os estudantes pareciam ter ganho a simpatia da grande maioria da população, dando margem à participação de outros setores que aderiram ao movimento pró-impeachment” (BARBOSA, p. 54-55). O jovem “cara-pintada”, segundo Dias (2008), pertencia majoritariamente às camadas médias, pois “no contexto geral, a maior parte dos estudantes secundaristas ou universitários pertence a essas camadas” (p. 8). Outro ponto destacado pelo autor é que as manifestações em grande parte aconteceram em dias úteis, durante a semana, “o que favoreceu a participação de jovens que não trabalhavam, ou seja, oriundos das classes mais abastadas” (p. 8). Conforme Dias (2008, p.11), a UNE foi fundamental na criação do “produto” caras-pintadas, pois teve um papel aglutinador junto aos estudantes e, ao mesmo tempo que reunia os jovens em torno de si, também acabava por aumentar seu prestígio na sociedade e diante das demais instituições.

As manifestações de junho de 2013

Logo no início do mês de junho de 2013, eclodiu no Brasil uma onda de protestos populares que tomou conta das ruas de cidades de quase todo o País. Um mês de manifestações tão intensas, populosas e surpreendentes para governo e sociedade em geral, que hoje é comum a expressão “Manifestações de junho”⁶ em alusão a elas. Manifestações que começaram com estudantes protestando contra o reajuste da tarifa do transporte público em capitais como Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, e foram ganhando novas e diferenciadas bandeiras reivindicatórias: pela qualidade dos serviços públicos de saúde, pela melhoria na qualidade das escolas e universidades públicas, contra a realização de megaeventos esportivos no Brasil - como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 -, contra a corrupção na política, entre tantas outras.

⁶ Além desta, também foram cunhadas outras expressões para nomear as manifestações, tais como “revoltas de junho”, “jornadas de junho” e “protestos de junho”. Fonte: Maricato, 2013.

A causa inicial das “manifestações de junho” teria sido a mobilização contra o aumento da tarifa nos transportes públicos, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, convocada pelo “Movimento Passe Livre”⁷ (MPL), uma federação formada por coletivos de diversas cidades do país, que luta pelo passe livre estudantil e por um transporte público, gratuito e de qualidade. Conforme informações encontradas na Wikipédia⁸, apesar da onda de protestos ter se proliferado pelo Brasil com grande intensidade em junho de 2013, as primeiras manifestações sobre o tema dos transportes iniciaram ainda em agosto de 2012, em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Lá, a pressão popular dos manifestantes fez com que os vereadores revogassem o súbito aumento no preço das passagens. Em 2013, os protestos eclodiram em Porto Alegre/RS, no mês de janeiro, mas ganharam força no final do mês de março, quando a prefeitura anunciou o reajuste da tarifa de ônibus de R\$ 2,85 para R\$ 3,05, e das “lotações”, de R\$ 4,25 para R\$ 4,50. A partir de uma ação cautelar protocolada pelos manifestantes, um juiz da 5ª Vara da Fazenda Pública determinou a redução no preço das tarifas, por considerar abusivo o valor do aumento. Já no dia 16 de maio, as mobilizações aconteceram em Goiânia, ocasião em que dois ônibus foram depredados, dois incendiados e 24 estudantes detidos por vandalismo e desobediência. Lá, as tarifas, que chegaram a subir de R\$ 2,70 para R\$ 3,00, igualmente foram reduzidas por decisão judicial.

Os protestos também aconteceram em capitais como Manaus, Vitória, Fortaleza, Salvador, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Muitos foram marcados por atos de violência, depredação do patrimônio público e privado, detenção de estudantes e forte repressão policial, esses últimos os motivos apontados pelos relatos midiáticos como arregimentadores do grande apoio da população às mobilizações. Manifestações similares passaram a acontecer em inúmeras cidades de grandes regiões metropolitanas,

⁷ Ver mais em <http://www.mpl.org.br/>

⁸ Ver mais em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesta%C3%A7%C3%B5es_no_Brasil_em_2013. Embora ciente de que é controversa a aceitação de conteúdos publicados na enciclopédia on line Wikipédia, utilizo-a como fonte por três motivos: a) é um documento controverso, porém amplamente aceito, sendo talvez o mais consultado atualmente em termos de busca inicial de informação na internet; b) por esta se tratar de uma pesquisa sobre mídias e sobre o que elas disseram a respeito dos jovens nas manifestações, a Wikipédia é um documento que assim como outros também está construindo uma narrativa sobre esse fenômeno; c) o grupo de pesquisa e a perspectiva teórica da qual eu faço parte aceita a Wikipédia como fonte legítima de informação.

do interior do País e até do exterior, incorporando ampla variedade de focos temáticos e contestatórios que extrapolaram a questão do transporte público.

Em âmbito nacional, as mobilizações ocorridas no mês de junho foram as mais significativas e ocorreram diariamente, de 17 a 30 daquele mês. Nesse período, o dia 20 ganhou destaque como o de maior mobilização popular. Segundo o portal de notícias Uol⁹, nesta data mais de um milhão de pessoas participaram de manifestações espalhadas por 388 cidades do Brasil, incluindo 22 capitais.

Além do preço da tarifa do transporte público ter sido reduzido ou sequer ter sofrido o reajuste previsto em diversas cidades do Brasil, as mobilizações também provocaram consequências políticas. Os políticos se mostraram estarecidos e paralisados devido à dimensão dos protestos, mas houve reações. A presidente Dilma fez um pronunciamento à nação em rede aberta de rádio e TV no dia 21 de junho. Em seu discurso, apresentou cinco pactos nacionais envolvendo os seguintes temas: melhoria do transporte público, reforma política e combate à corrupção, investimentos na saúde, responsabilidade fiscal e mais investimentos na área da educação (com aplicação de 100% dos royalties do petróleo e 50% da camada pré-sal).

Fato é que por sua magnitude, o junho de 2013 já é considerado um novo marco histórico para o país. Esses dias de movimentações populares foram caracterizados pela presença de um público diversificado. Havia pessoas de todas as idades, de crianças levadas por seus pais até idosos. Porém, apesar dos protestos terem aglutinado e mobilizado uma variedade de públicos, os indícios apontam terem sido os jovens que organizaram, iniciaram e lideraram as movimentações. No contexto da revolta popular, uma maioria composta por jovens tomou a frente dos eventos, liderando e articulando os protestos pela internet e através das redes sociais (especialmente twitter e facebook). Centenas de milhares de jovens assumiram um protagonismo que não se via nas ruas do Brasil desde o movimento dos “Caras-pintadas”, em 1992. O que se viu foi uma juventude

⁹ Ver mais em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>.

Entre muitos atos pacíficos, houve registro de violência em confrontos entre manifestantes e policiais e atos de vandalismo em várias cidades [...] O crescimento da onda de protestos levou a presidente Dilma Rousseff a convocar uma reunião de emergência para às 9h30 desta sexta-feira (21) (UOL, 2013).

da era da cultura pós-moderna¹⁰, altamente conectada e tecnológica, que saiu da frente dos computadores e do interior de seus universos particulares para invadir a cena pública. Jovens que tomaram as ruas dos grandes centros urbanos e ocuparam os espaços públicos num cenário de grande indignação e desabafo coletivo, apartidário e com causas múltiplas.

Em artigo¹¹ publicado em 24 de junho de 2013, no jornal *Zero Hora*, o professor e doutor em Direito, Marcelo Duque, aponta cinco características que parecem marcar os movimentos: 1) a mudança de comportamento da sociedade (o silêncio deu lugar a protestos veementes); 2) a ausência de uma pauta única de reivindicações (uma vez que o valor das tarifas de ônibus foi apenas o estopim); 3) a noção de que a revolta popular não pode ficar limitada ao mundo virtual das redes sociais (para ser forte e eficaz um protesto tem que ganhar as ruas); 4) a pluralidade de atores e ausência de lideranças (para a maioria dos participantes, o comparecimento às ruas foi espontâneo, fruto de um sentimento de mudança) e 5) caráter apartidário (o que revela o esgotamento do atual sistema político e a descrença nos partidos e nos políticos).

Ao abordar o Movimento “Passe Livre”, Schilling (2013) reafirma algumas das características pontuadas acima. É enfático ao dizer que este movimento não possui uma liderança definitiva, nem sequer um partido que o hegemonize. Pelo contrário, segundo ele, o “Passe Livre” se declara apartidário e é avesso à política tradicional; seus ativistas se mostram hostis aos partidos existentes e à política como um todo. Outro ponto destacado é que diferente de outros movimentos de protesto, “a presença do lumpesinato¹² urbano é grande, o que explica a intensidade dos atos de vandalismo”, ou

¹⁰ “Cultura Pós-moderna” é entendida aqui como uma condição cultural do nosso tempo. Significa a vivência em um mundo contemporâneo profundamente marcado pelas novas tecnologias de informação e comunicação nas quais os jovens se veem integrados em relacionamentos virtuais e, assim, altamente familiarizados com a cibercultura. Um universo cujos acontecimentos ganham versões midiáticas cada vez mais espetacularizadas.

¹¹ Ver mais em <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2013/06/24/artigo-o-que-revelam-as-manifestacoes/?topo=13,../feed/>.

¹² Equivalente a lumpemproletariado ou subproletariado, que designa, no vocabulário marxista, a população situada socialmente abaixo do proletariado do ponto de vista das condições de vida e trabalho, formada por frações miseráveis, destituídas de recursos econômicos e desprovidas de consciência política e de classe.

seja, existe um caráter anárquico nas manifestações que se expressa no ataque às instituições governamentais como sedes de prefeituras, governo e até mesmo o Congresso Nacional (SCHILLING, 2013). Com isso, as revoltas de junho se constituíram em um tipo de mobilização bem diferente de outros movimentos marcados pela juventude na recente história do Brasil. Por exemplo:

os estudantes universitários liderados por Vladimir Palmeira foram a vanguarda da Marcha dos Cem mil no Rio de Janeiro (1968), nas Diretas Já (1983-84) os protestos foram empalmados pelos caciques do PMDB, Ulisses Guimarães, Tancredo Neves e Teotônio Vilela. No Movimento dos Caras- pintadas, por seu lado, sobressaiu-se o jovem Lindenberg Farias (hoje senador pelo PT), ao qual seguiram os principais líderes políticos da época. Nada disto se faz presente no 'Passe Livre' (SCHILLING, 2013).

As manifestações de junho, marcadas pela participação numerosa e contundente da juventude, proporcionaram dias que, sem dúvida, mexeram com a rotina dos brasileiros. Dos mais aos menos envolvidos com as agendas das ruas, todos foram capturados em algum momento e de alguma maneira particular.

Acredito que ao relatar os principais movimentos que tiveram os jovens como protagonistas na recente história do Brasil, é possível observar o caráter contestador das lutas protagonizadas por diferentes gerações e como elas mudam e se diversificam na contemporaneidade. Ao comparar os movimentos sociais recém-descritos, do mais antigo (1968) ao mais atual (2013), é notável, conforme salienta Groppo (2008, p. 21), que “o teor que não foi o mesmo ao longo do tempo, nem em intensidade, nem em suas modalidades de negação da realidade social”. No que diz respeito às manifestações de junho, as atuações ganharam diferentes nuances, pois os atores juvenis também são outros, marcados pelo consumismo e pela cultura do efêmero: “Hoje é uma atuação juvenil, não necessariamente uma atuação estudantil, que ocorre dentro de protestos sociais diversos”, considera o mesmo autor (2008, p. 21).

Quando uma onda de indignação percorre o país, os brasileiros são iguais a todos os outros povos, diz Schilling (2013). E, ao desconstruir o senso comum que vê o cidadão brasileiro como pacato, manso e desinteressado das coisas públicas, o historiador enaltece a juventude: “É então que os jovens, especialmente os estudantes,

historicamente passam a ter papel central na convocação para a mobilização da opinião pública insatisfeita e na contestação às autoridades” (SCHILLING, 2013). Juventude que se fez e se faz presente no Brasil em todas as mobilizações sociais ao longo da história.

Os jovens e o direito à cidade – uma versão contemporânea

Quando se fala de uma revolta popular nas ruas, do povo organizado e mobilizado ocupando os centros urbanos, está se falando do direito à cidade. No artigo “A liberdade da cidade”, David Harvey (2013) discute o tema. Segundo o autor, a maioria de nós vive em cidades fragmentadas, tendentes ao conflito e num contexto de desigualdade social agravado pela globalização e o neoliberalismo. Os desenvolvimentos urbanos desiguais sempre existiram, “mas as diferenças agora proliferam e se intensificam de maneiras negativas, até mesmo patológicas, que inevitavelmente semeiam tensão civil” (HARVEY, 2013, p. 27). Este contexto de desigualdades oportuniza o cenário para o conflito social onde os atores praticam o exercício do direito à cidade, um direito que não é individual, mas sim um esforço coletivo pela formação de direitos coletivos:

(...) não é apenas um direito condicional de acesso àquilo que já existe, mas sim um direito ativo de fazer a cidade diferente, de formá-la mais de acordo com nossas necessidades coletivas (por assim dizer), definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano. Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito (HARVEY, 2013, p. 33).

Interessante observar que de maneira geral e no decorrer da história, as revoltas populares costumam mobilizar as pessoas em torno de uma grande causa, quer seja contra a exploração, contra medidas opressivas de governo, contra altos índices de desemprego ou, como já presenciamos no Brasil, contra a ditadura militar ou pelo impeachment de um presidente, etc. No caso das manifestações de junho, segundo a maioria das interpretações, a revolta teria iniciado com uma causa (a redução na tarifa do transporte coletivo) e passou a agregar muitas outras ao longo dos acontecimentos. Apesar de ter sido um encontro de diversas bandeiras, buscando cada uma o seu direito, ainda assim os protestos não deixaram de se constituir em um esforço coletivo pelo exercício do direito à cidade.

E exercer esse direito só é possível ocupando os espaços, as praças públicas, percorrendo as ruas, para ver e ser visto, para ouvir e ser ouvido pelos diversos atores sociais, instituições, governo e sociedade como um todo. O espaço público é o local de embate. Na visão de Don Mitchell, citado no texto de David Harvey (2013, p. 33),

[...] o direito à cidade é um grito, uma demanda, então é um grito que é ouvido e uma demanda que tem força apenas na medida em que existe um espaço a partir do qual e dentro do qual esse grito e essa demanda são visíveis. No espaço público – nas esquinas ou nos parques, nas ruas durante as revoltas e comícios – as organizações políticas podem representar a si mesmas para uma população maior e, através dessa representação, imprimir alguma força a seus gritos e demandas. Ao reclamar o espaço em público, ao criar espaços públicos, os próprios grupos sociais tornam-se públicos (MITCHELL, apud HARVEY, 2013, p. 33).

A partir dessas considerações, é possível afirmar que as manifestações de junho passaram a existir de forma legítima aos olhos da sociedade a partir do momento em que ultrapassaram o mundo virtual, transbordaram dos fóruns de discussão na internet e redes sociais e ocuparam as ruas, realizando as mobilizações na dimensão urbana com toda sua materialidade. Contudo, não se pode minimizar e muito menos ignorar o papel de destaque das redes sociais nesse processo, e é aí que entram os jovens. A população que foi para as ruas durante os protestos era em sua maioria formada por uma massa jovem que domina as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Em linhas gerais, a apropriação da internet e das redes sociais pelos jovens foi considerada um passo importante nas atividades de mobilização e no processo de articulação para as ruas, o que pode ter ajudado a impulsionar a onda de protestos país a fora. Conforme Bruno (2013),

As apropriações das redes sociais nas revoluções e protestos políticos tornam ainda mais urgente a dimensão política e coletiva dessas redes (Cf. Malini e Antoun, 2013; Castells, 2012). A emergência dos protestos políticos no Brasil em junho de 2013 é um dos exemplos mais recentes desta apropriação (p. 8).

Partindo do pressuposto de que as redes sociais, comumente apropriadas em uma dimensão de uso pessoal e privado, passam a ser utilizadas também em uma dimensão política e coletiva com consequências reais sobre a vida política do país, surge então um

primeiro questionamento: onde estaria aquela juventude representada como “apática”, “despolitizada” e “desinteressada” em relação às causas políticas, coletivas e sociais?

Ribeiro (2007) apontou que nos tempos atuais a participação dos jovens na política não chama a atenção como no passado, como aqueles jovens de 1968 ou 1984 que iam para as ruas fazer passeatas mesmo tendo diferentes sonhos. Segundo o autor, a imagem que se tem dos jovens hoje é a de que “a ênfase parece estar em outras relações, mais grupais, menos totalizáveis, de vínculos que vão e vêm, de experiências” (p. 32). Posição semelhante à de Barbero (2008), quando diz que a experiência das multidões nas ruas, na qual os cidadãos exerciam o seu direito à cidade, foi transformada, domesticada. “Estamos habitando um novo espaço comunicacional em que ‘contam’ menos os encontros e as multidões do que o tráfico, as conexões, os fluxos e as redes. Estamos frente a novos ‘modos de estar juntos’” (p.10). E a partir desses novos modos de estar juntos, o que se viu em junho de 2013 não teria sido os jovens utilizando o novo ambiente comunicacional descrito por Barbero para justamente retomar o exercício do direito à cidade? Dessa forma, jovens que até então ficavam em suas casas, mergulhados no mundo virtual, dedicados às suas individualidades, estabeleceram nas redes sociais um amplo espaço de posicionamentos e de discussões político-sociais, que lhes possibilitou organizar uma invasão do espaço urbano com seus cartazes de protesto nas mãos. Considero que essa atitude, vista como surpreendente, talvez se configure como quebra de um clichê sobre a juventude brasileira, uma vez que tal comportamento desestabilizou, confundiu e mexeu com uma imagem naturalizada de juventude - amorfa, abúlica e “alienada”.

Para Barbero (2008), na empatia dos jovens com a cultura tecnológica o que está em jogo é uma nova sensibilidade cognitiva e expressiva, pois é em seus relatos e imagens, em suas sonoridades, fragmentações e velocidades que eles encontram seu idioma e seu ritmo. Estamos vivenciando outras juventudes, novas formas de ser jovem, novas formas de perceber e narrar a identidade. “São identidades com menos temporalidade e mais precárias, mas também mais flexíveis, capazes de fazer conviver em um mesmo sujeito, elementos de universos culturais muito diferentes” (p.10).

Tais jovens, que se mostram camaleônicos e com uma admirável habilidade para lidar com as novas redes de informação, também estabelecem um novo tipo de relação com o cenário urbano. Barbero (2008) afirma que essa nova geração mediada pelos meios de comunicação e informação habita a cidade de um jeito nômade, em tribos urbanas heterogêneas formadas por idade e gênero, repertórios estéticos e gostos sexuais, estilos de vida e exclusões sociais. O cenário urbano é o palco onde as identidades jovens se mostram e se constituem na cultura pós-moderna. “É na cidade que se passam mais manifestadamente algumas das mudanças de fundo que as nossas sociedades experimentam”, afirma Barbero (idem, p.10).

As mobilizações da pós-modernidade: explosão, efemeridade, sentimento.

Em entrevista ao jornal *Zero Hora*, o sociólogo francês Michel Maffesoli (2014)¹³ avalia que a participação popular nas manifestações é muito diferente no mundo da pós-modernidade. Para ele, parece que as pessoas não participam das mobilizações para mudar o mundo, e sim para estarem juntas. “Não são mais preocupações políticas, uma busca de uma sociedade perfeita, mas essa ideia de tribo, de estar junto em busca de algo” (MAFFESOLI, 2014). Ele descreve como sendo uma dicotomia: por um lado a ação política que traz uma motivação racional e por outro lado o estar junto, que traz uma motivação emocional. Aliás, para Maffesoli, a diferença essencial entre a modernidade e a pós-modernidade está na questão do sentimento, pois na modernidade as organizações políticas se construíam baseadas em programas, numa visão mais cartesiana e “hoje, nessas manifestações, não é importante um programa, mas uma questão de sentimento. O estar junto. Não é mais a razão, é o sentimento”.

Na visão do sociólogo, manifestações como as de junho no Brasil podem ser vistas como explosões momentâneas:

¹³ Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2014/04/o-sistema-educacional-nao-funciona-mais-diz-michel-maffesoli-4473443.html>

Há uma diferença fundamental entre a ação política, com uma finalidade, e a explosão, como vimos, que é momentânea. Por um momento, há a marcha e seus efeitos. Isso tem uma finalidade, é pontual e tem consequências. Mas há uma diferença entre as mobilizações que tínhamos antes e as de hoje. Na pós-modernidade, elas são muito intensas e diferentes entre si, mas, ao mesmo tempo, são muito efêmeras (MAFFESOLI, 2014).

Já sobre o caráter violento das manifestações, ele faz uma relação entre os atos de depredação nas ruas e a sociedade de consumo. Para ele, tais atitudes se configuram em atos de ruptura com a sociedade de consumo porque são quebrados os objetos que representam essa sociedade. “Em particular, isso é representativo para as gerações mais jovens, que não se enxergam mais representadas e têm um sentimento forte de não-pertencimento a essa sociedade de consumo” (MAFFESOLI, 2014).

Outro ponto interessante levantado pelo autor diz respeito às novas tecnologias de comunicação e informação que vivenciamos na pós-modernidade e que estão alterando o conceito de opinião pública por meio dos fóruns e redes sociais na internet. Para o pensador francês, não existe mais uma única opinião pública, mas o que ele chama de “um mosaico de opiniões públicas”, ou seja, uma variedade de opiniões que se mostram em toda a parte da internet, nos blogs, nas redes. Agora, portanto, há uma diferença entre a opinião publicada e a opinião pública: “Antes, as opiniões publicadas eram apenas as opiniões das elites, e isso fazia delas ‘a opinião pública’ Hoje, há uma fragmentação que é contemplada pela internet” (MAFFESOLI, 2014). Hoje há espaços para a publicação de muitas e diferentes opiniões, mesmo que estas não sejam vistas pela sociedade como “a opinião pública”.

Sendo assim, nas novas configurações do mundo pós-moderno os jovens experenciam novos modos de estar juntos, outras motivações para participar de manifestações, diferentes espaços para expressar suas opiniões.

Referências

BARBOSA, Andreza. O movimento estudantil brasileiro: do início da década de 1990 a 2001. In: GROppo, Luís Antonio. ZAIDAN Filho, Michel. MACHADO, Otávio Luiz (Orgs.) **Movimentos Juvenis na Contemporaneidade**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008, 204 p.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: Vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013, 190 p.

DIAS, Luiz Antonio. Política e Participação Juvenil: os “caras-pintadas” e o movimento pelo impeachment. Revista **História Agora**: a revista de História do Tempo Presente Ed: nº 4, 2008. Disponível em:
<http://www.historiagora.com/dmdocuments/politica_e_participao_juvenil_cp.pdf> Data de acesso: 14 de fevereiro de 2014.

DUQUE, Marcelo. O que revelam as manifestações? Artigo publicado em **Zero Hora**. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2013/06/24/artigo-o-que-revelam-as-manifestacoes/?topo=13,..../feed/>>. Data de acesso: 12 de janeiro de 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Infográfico: Tudo sobre a ditadura militar**. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar/a-abertura.html>>. Data de acesso: 10 de março de 2014.

GAZETA DO POVO. **Há 45 anos, jovens também faziam megamarcha**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidapublica/conteudo.phtml?id=1384541>>. Data de acesso: 03 de março de 2014.

GROppo, Luís Antonio. ZAIDAN Filho, Michel. MACHADO, Otávio Luiz (Orgs.) **Movimentos Juvenis na Contemporaneidade**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008, 204 p. p. 21.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: Maricato, Ermínia... [et al.]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 27 - 34;

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANUCCHI, Paulo (Orgs.) **Juventude e Sociedade. Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2007.

MAFFESOLI, Michel. “O sistema educacional não funciona mais”. Entrevista a **Zero Hora** em 12/04/2014. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2014/04/o-sistema-educacional-nao-funciona-mais-diz-michel-maffesoli-4473443.html>>. Data de acesso: 13 de abril de 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens. In: Borelli, Silvia. H. S.; FREIRE FILHO, João (Orgs.) **Culturas Juvenis no Século XXI**. São Paulo. EDUC, 2008. p. 6 – 15.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e Juventude: o que fica de energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.) **Juventude e Sociedade. Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2007. p. 19 – 33.

SCHILLING, Voltaire. **As Marchas do Brasil (1968 – 2013)**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/infograficos/marchas-historicas/>>. Data de acesso: 17 de fevereiro de 2014.

SINGER, Helena. Quando o “diálogo” é a violência. Revista **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 22, nº 77, dez/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302001000400015&script=sci_arttext&tlng=es>. Data de acesso: 19 de fevereiro de 2014.

ÚLTIMO SEGUNDO. **Infográfico: Saiba o que foi o movimento das Diretas Já**. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2014-01-25/infografico-saiba-o-que-foi-o-movimento-das-diretas-ja.html>>. Data de acesso: 02 de março de 2014.

UOL NOTÍCIAS. **Protestos pelo Brasil: Em dia de maior mobilização, protestos levam mais de 1 milhão de pessoas às ruas do Brasil**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>>. Data de acesso: 05 de fevereiro de 2014.

WIKIPÉDIA. **Jornadas de Junho**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesta%C3%A7%C3%B5es_no_Brasil_em_2013>. Data de acesso: 21 de fevereiro de 2014.